

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ- UEM

Giane Lins dos Santos

Pedagogias da Sexualidade na revista Nova Escola (2009 - 2010)

Maringá

2011

Giane Lins dos Santos

Pedagogias da Sexualidade na revista Nova Escola (2009 - 2010)

Trabalho de conclusão de curso apresentado sob a forma de Relatório de pesquisa como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Prof. Dra. Ivana Guilherme Simili.

Maringá

2011

Giane Lins dos Santos

Pedagogias da Sexualidade na revista Nova Escola (2009 - 2010)

Trabalho de conclusão de curso apresentado sob a forma de Relatório de pesquisa como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

Aprovado em: ___/___/ 2011.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Ivana Guilherme Simili – Universidade Estadual de Maringá

Professor Doutor Marcos Pereira Coelho - Universidade Estadual de Maringá

Professora Doutora Patrícia Lessa dos Santos - Universidade Estadual de Maringá

Agradecimentos

À Deus que me guia e me acompanha iluminando o meu caminho; aos meus pais, que me transmitiram valores como: respeito, honestidade e fé e me incentivaram a lutar por todos os meus objetivos; aos meus irmãos que estiveram sempre ao meu lado e me ensinaram com o exemplo que na vida o importante para a garantia da vitória é não ter medo de lutar; a todos os meus amigos e colegas de trabalho, a minhas colegas de turma, aos queridos mestres e a todas as demais pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação. Um agradecimento especial à minha orientadora Ivana Simili ... obrigada por ter acreditado e confiado em mim

Pedagogias da Sexualidade na revista Nova Escola (2009 - 2010)

Resumo: O texto tem por objetivo mostrar como é tratada a sexualidade na revista Nova Escola, periódico mensal que se propõe a contribuir com a qualificação de professores da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Com este objetivo, procedemos ao levantamento e à análise do periódico para os anos 2009 e 2010. Procuramos identificar como a revista aborda os assuntos relacionados ao sexo e à sexualidade e o que ensina para os profissionais da educação acerca de como lidar com as manifestações da sexualidade nos espaços escolares. A pesquisa justifica-se quando consideramos que os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, publicado em 1997, ao ter como objetivo principal a padronização da educação formal no Brasil e a fim de vincular à prática educacional com questões sociais consideradas relevantes, elegeu a Orientação Sexual como um dos temas da educação ainda que timbrado com a “transversalidade”. Desse modo, almejamos com o estudo contribuir para o debate e a reflexão sobre como o sexo e sexualidade, contemplados nos documentos oficiais da educação, particularmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), tem sido abordados e ensinados aos professores por meio da revista.

Palavras-chave: Mídia/Revista Nova Escola. Formação docente. Educação. Sexualidade.

Abstract: The text aims to show how sexuality is treated in the magazine Nova Escola, monthly periodical that aims to contribute with the qualification of teachers of Basic Education (Early Childhood Education, Elementary and High School). Starting from this goal we proceeded to survey and analysis of periodical for the years 2009 and 2010. We look for identify as the magazine covers issues related to sex and sexuality and what teaches for the education professionals on how to deal with the manifestations of sexuality in school spaces. The research is justified when we consider that the National Curriculum for Elementary Education, published in 1997, having as main objective the standardization of formal education in Brazil in order to link education practical with social issues considered relevant chose the sex Guidance, as one of the themes of education, though stamped with the “mainstreaming”. Thus, we wish with the study contribute to the debate and reflection about how sex and sexuality, included in the official documents of education, particularly in the National Curriculum (1997), it has been approached and taught to teachers through the magazine.

SUMÁRIO

1- Introdução.....	06
2- Desenvolvimento.....	08
2.1- A Imprensa Pedagógica no Brasil e a Revista Nova Escola.....	08
2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Sexual nas Escolas.....	11
2.3 A sexualidade na Revista Nova Escola.....	13
2.4 Virando as páginas e descobrindo olhares sobre e para a sexualidade.....	15
3- Considerações finais.....	24
4- Referências.....	26

Sexualidade: a revista Nova Escola (2009 - 2010)

1 INTRODUÇÃO

O desejo de conhecer e aprender sobre sexualidade e educação sexual iniciou-se durante a atividade profissional realizada num centro de educação infantil, a partir das diversas observações de manifestação de sexualidade nesse espaço educacional e também pelo reconhecimento da falta de formação específica dos profissionais dessa área. Essa vontade foi acentuada após o contato com os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs (1997) e do estudo de autores que contribuem com a reflexão sobre a temática sexualidade, contato este, proporcionado pelo curso de graduação em Pedagogia iniciado em 2008.

Assim, o exercício da atividade profissional, concomitantemente com a formação acadêmica, possibilitou-me a constatação de que os profissionais que atuam neste espaço não contam com uma formação adequada para lidar com a sexualidade nas escolas. Tanto os profissionais de nível médio, quanto os que possuem nível superior, pois, não há uma formação que os capacite para o trato da temática sexualidade no exercício de sua função. Para agravar essa situação, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997), cujo objetivo é apoiar o trabalho pedagógico, não explicitam como os professores devem se comportar e agir diante as manifestações de sexualidade dos alunos no ambiente escolar.

De acordo com Laviola (1998, p.01), “a educação sexual ocorre quando as educadoras identificam comportamentos das crianças como sendo sexuais e reagem de algum modo, mesmo que seja ficando caladas, diante desses comportamentos”. A autora aponta para um aspecto de suma importância: tão relevante quanto reconhecer que as crianças têm sexo, e que a sexualidade está presente nas escolas e nos espaços sócio educacionais, é aprender a identificar as manifestações da sexualidade e saber como agir diante de tais fatos da realidade escolar.

Essa reflexão levou-me a pensar sobre a necessidade das educadoras e dos educadores prepararem-se para a educação sexual das crianças e conduziu-me a pesquisar sobre o que a Revista Nova Escola ensina para os profissionais da educação acerca de como perceber e agir frente às demandas e/ou manifestações da sexualidade. Desde 1986, a revista pedagógica Nova Escola, propõe-se a contribuir com a educação brasileira, principalmente com a educação pública. Para tanto, ensina, aconselha e faz sugestões a professores de todos os cantos do país sobre os mais diversos assuntos relacionados à educação, veiculando conhecimentos sobre práticas didático-pedagógicas, temas da realidade escolar na qual

incluímos a sexualidade. Sua intenção é clara: orientar os profissionais da educação no trabalho das diferentes disciplinas com mais variadas temáticas, dentre elas, a sexualidade, o que inclui a orientação sexual, as relações de gênero, dentre outras.

Por essa razão, consideramos, neste trabalho, a Revista Nova Escola como mídia pedagógica, pois tem um lugar de destaque na veiculação de informações sobre as problemáticas da educação, levando os leitores a um tipo de “formação”, ao preencher lacunas de conhecimento e, assim, proporciona uma espécie de “preparo” para as situações cotidianas vivenciadas na escola. Neste ponto, consoante aos estudos culturais em suas relações/articulações com a educação, não é somente a escola que educa, mas somos educados por diferentes esferas e instâncias sociais e culturais e por intermédio de diferentes artefatos de comunicação, como por exemplo, a mídia em seus diferentes formatos (televisiva, impressa, virtual, etc.) (ANDRADE, 2003; LOURO, 2008). A Nova Escola, como mídia pedagógica, veicula notícias sobre e para educação, informando e incutindo noções sobre sexualidade. Ela pode ser caracterizada como uma entre muitas outras pedagogias da sexualidade para os profissionais da educação. Daí, o título deste trabalho.

Transformamos a Revista Nova Escola em fonte e objeto de estudo para conhecermos o que ela ensina e como ensina sobre sexualidade. Interrogamos o periódico com as perguntas: quais temas relacionados à sexualidade são abordados? Como são abordados? De que maneira as abordagens do e para o assunto rompem com os preconceitos e contribuem para a criação de novas representações e práticas dos profissionais da educação diante das manifestações da sexualidade nas escolas brasileiras? De que modo e em que medida os estudos de gênero na educação se fazem sentir/perceber na Revista? Qual a contribuição da Revista para o enfrentamento de temas e questões relacionados à sexualidade de modo a romper com os preconceitos e as desigualdades de gênero, cujas formulações teóricas e metodológicas serão abordadas no decorrer deste trabalho? Por intermédio das respostas a essas perguntas, será dimensionada a contribuição da revista para o enfrentamento pelos profissionais da educação de temas e problemáticas relacionados à sexualidade e a educação sexual nas escolas brasileiras.

Algumas palavras finais são necessárias acerca do período abrangido na pesquisa – (2009 – 2010) - e do mapa deste trabalho. Consideramos neste estudo como a temática da educação sexual ganhou fôlego a partir de 1997, com a publicação dos PCN's que, ao ter como objetivo principal a padronização da educação formal no Brasil e com o intuito de vincular a prática educacional com questões sociais consideradas relevantes, elegeu a Orientação Sexual como um dos temas da educação, ainda que timbrado com a

“transversalidade”. A pergunta que fizemos para delimitar o período da pesquisa foi: passados tantos anos, quais teriam sido as mudanças no tratamento do tema sexualidade na Revista? Ao fixarmos a atenção nos anos 2009 e 2010, entendemos que seria possível observar como as mudanças sociais e culturais, principalmente aquelas relacionadas aos debates de gênero realizados no âmbito da educação, refletiam-se nas páginas do periódico, mudando, assim, conceitos e práticas dos professores, ou seja, o universo de conhecimento e de ações dos profissionais da educação diante das manifestações da sexualidade observadas e/ou identificadas nos espaços e fazeres da educação.

Quanto ao mapa do texto, está dividido em quatro partes. Na primeira, “A Imprensa Pedagógica no Brasil e a Revista Nova Escola” abordamos aspectos históricos e historiográficos do que é denominada imprensa pedagógica de modo a situar e entender o papel desempenhado pela Revista Nova Escola na formação dos professores por meio das informações divulgadas sobre sexualidade; na segunda, “Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Sexual nas escolas,” pretendemos situar os PCNs (1997) como uma, dentre as políticas da educação, a fim de discorrer sobre a intenção quando da implantação do tema transversal “Orientação Sexual” e como a Educação Sexual acontece nas escolas a partir de sua implantação; na terceira parte, “A sexualidade na revista Nova Escola”, apresentamos as edições que contemplaram a temática sexualidade na Revista que contribuíram para nossa pesquisa. Para finalizar, na quarta parte, intitulada “Virando as páginas e descobrindo olhares sobre e para a sexualidade”, procedemos à análise das reportagens que nos possibilitaram conhecer como a sexualidade é abordada nas matérias dedicadas à temática e o que ensina para os profissionais da educação acerca de como lidar com as manifestações da sexualidade nos espaços escolares.

3 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Imprensa Pedagógica no Brasil e a Revista Nova Escola

A compreensão do conteúdo levantado sobre sexualidade na Revista Nova Escola exige que tenhamos alguns comentários sobre a história da imprensa pedagógica no Brasil. Representada por jornais, boletins, revistas, magazines, dentre outros, seu objetivo, desde o surgimento, foi o de contribuir com a formação continuada de professores, ajudando-os e guiando-os em suas práticas de ensino. Para que o professor tivesse condições de realizar bem sua tarefa, era necessária a sua atualização, portanto, a aquisição de novas informações,

conhecimentos e métodos e, por essa razão, foram criadas as Revistas especializadas nos assuntos da educação.

De acordo com Bastos; Catani (1997, p.176) no Brasil, as revistas literárias e de instrução começaram a aparecer na segunda metade do século XIX com a ampliação gradativa das escolas públicas e de colégios particulares. Em 1838 houve a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), bem como, da Revista do IHGB que, constituiu um espaço significativo de divulgação de questões relativas à instrução pública no país. Outras iniciativas de publicações de periódicos educacionais destacados pelas autoras foram: *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução*. (Cônego Marinho, Minas Gerais, 1832-33); *Atheneu Popular* (Minas Gerais, 1834); e o *Atheniense* (Bahia, 1849-50).

As autoras pontuam que a revista “A Instrução Pública” (1872-75), iniciativa do Dr. J. C. de Alambary foi considerada a primeira publicação periódica pedagógica do país. Após a proclamação da República, em 1889, foi criado o Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos (1890-92), neste contexto, Benjamin Constant transformou em lei a criação do museu pedagógico *Pedagogium*, (que havia sido criado por iniciativa do Conde D’Eu, em 1883). “A Revista Pedagógica”, uma publicação periódica do *Pedagogium*, foi editada de 15 de novembro de 1890 a 15 de setembro de 1896.

Durante a primeira República, nas décadas de 1910 e 1920, período caracterizado por grande efervescência política e cultural, houve uma série de iniciativas voltadas para a publicação de revistas, jornais e boletins, com preocupações exclusivamente educacionais. A partir de 1930, ampliou-se o debate pedagógico e com ele a preocupação com a divulgação das ideias em questão, ocorrendo um grande impulso de publicações periódicas, com a edição de livros, inúmeras revistas e boletins especializados.

No Estado Novo, de 1937 a 1945, a imprensa escrita foi um importante veículo de produção e difusão do discurso nacionalista. Nesse período, a imprensa pedagógica, teve grande impulso, sendo utilizada com função político-doutrinária. Em 11 de julho de 1944, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP/MEC), criado em 1938, passou a editar a “Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos” (RBEP), que marcou o início de uma nova fase para a imprensa pedagógica brasileira. A partir de 1968, com a Reforma Universitária (Lei 5.540) foram criadas Faculdades de Educação em todo o país, houve, então, um estímulo ao debate da Educação. Esse debate pedagógico significou um outro período de incremento da imprensa pedagógica em todos os níveis e ramos do ensino.

A Revista Nova Escola, criada em 1986 e publicada pela Editora Abril, marcou um momento importante na história da imprensa pedagógica no Brasil. É resultado de um

empreendimento da Fundação Victor Civita (a qual leva o nome de seu fundador) cujas principais iniciativas para a educação brasileira foram: as criações de revistas e incentivos que focalizassem temas relacionados às escolas e ao ensino, tais como: a Revista Nova Escola, a Revista Gestão Escolar, o site de Nova Escola, o Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10 e a Semana da Educação, bem como, estudos e pesquisas educacionais.

Para Anadon; Garcia (2005), “a revista ‘Nova Escola’ pode ser considerada como a mais conhecida publicação dirigida aos docentes e com maior penetração entre a categoria” (grifo das autoras). A chave para esse sucesso, segundo as autoras, parece ser principalmente as alianças e parcerias com setores públicos (governo federal) e privados que se realizaram desde seu lançamento, seja na elaboração e edição, seja na sua distribuição e divulgação.

Nos primeiros cinco anos de sua criação, um convênio entre o Ministério da Educação e a editora Victor Civita garantiu a distribuição gratuita da revista em todas as escolas públicas, arcando o governo com 70% do custo do periódico para que isso acontecesse. Em 1991, o governo de Fernando Collor retira a cooperação financeira, dificultando a aquisição da revista pelas escolas. Mas, logo no ano seguinte, em 1992, a FAE (Fundação de Assistência Estudantil) e a Fundação Victor Civita assinam novo convênio, desta vez garantindo a distribuição de apenas um exemplar de “Nova Escola” às escolas oficiais urbanas (COSTA; SILVEIRA, 1998, p.135 apud ANADON; GARCIA, 2005).

A Revista Nova Escola é distribuída gratuitamente às escolas públicas brasileiras, chegando às mãos de 80% dos professores que lecionam no ensino básico, o que totaliza, aproximadamente, 1,2 milhões de professores que a recebem em suas repartições de trabalho, nas escolas das cinco regiões do país (Sudeste, Nordeste, Sul, Centro-oeste e Norte). No entanto, essa distribuição ocorre de forma desigual nas diferentes regiões do país, apresentando disparidades, que podem ser explicadas de acordo com fatores de ordem política, econômica e cultural, conforme pontua Motta (2010, p. 01).

O periódico possui quatro editoriais: Capa, Seções, Sala de aula e Reportagens, onde encontramos: respostas aos questionamentos enviados por leitores, reportagens, aconselhamentos, sugestões de leituras (para o professor ler para as crianças), artigos, informações sobre a educação, dicas para a atuação em sala de aula, dentre outros. Outra característica do periódico em estudo é a clareza da linguagem utilizada em suas publicações, mesmo quando apoiadas nas falas de especialistas de diversas áreas, sua linguagem é simples, o que facilita ao professor o entendimento dos seus aconselhamentos.

2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Sexual nas Escolas

A política da valorização da diversidade cultural, em especial no campo da educação, foi sendo delineada em consonância com as mudanças de ordem social, política e econômica ocasionadas pelo processo de globalização, que se iniciou nos anos de 1970, mas tornou-se mais evidente a partir dos anos de 1990, conforme pontua Carvalho (2010, p. 45). Em sintonia com as políticas da educação e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Revista Nova Escola trouxe o sexo e a sexualidade para as suas páginas de modo muito particular. Neste aspecto, é importante lembrar que Altmamm (2001, p. 576) pontua que o interesse do Estado pela sexualidade da população brasileira tornou-se mais evidente a partir do final da década de 1990, com a implantação do tema transversal “Orientação Sexual” nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/1997). Os PCNs (1997) para o ensino fundamental são referenciais de qualidade elaborados pelo Governo Federal em 1996 e publicado em 1997 com o objetivo principal de padronizar a educação formal no Brasil. O intuito era vincular a prática educacional com questões sociais consideradas relevantes. Neste sentido, o comentário de Altmann (1999) é esclarecedor:

A sexualidade é um “negócio de Estado”, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade. [...] Além de foco de disputa política, a sexualidade possibilita vigilâncias infinitesimais, controles constantes, ordenações espaciais meticulosas, exames médicos ou psicológicos infinitos. A sexualidade, portanto, é uma via de acesso tanto a aspectos privados quando públicos. Ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber. (ALTMANN, 1999, p. 576).

De acordo com os PCNs (1997, p.28), “o trabalho de Orientação Sexual visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa”. Por essa razão, propõem-se três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: corpo humano, relações de gênero e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Percebemos, contudo, por intermédio de alguns estudos, dentre os quais inserimos o de Altmann (1999), que a abordagem da sexualidade nas escolas e nos PCNs (1997) surgiu exclusivamente para coibir a gravidez indesejada na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis, especialmente o HIV/AIDS, em evidência, principalmente a partir dos anos

90. Hoje, após 13 anos da publicação dos PCNs (1997), percebemos que essa preocupação se mantém.

Por essa razão, nas salas de aula, geralmente quando os professores trabalham a sexualidade, envolvem-na num discurso puramente biológico, privilegiando, assim, os conteúdos que abrandam a fisiologia dos corpos femininos e masculinos; as doenças sexualmente transmissíveis, os métodos anticoncepcionais e o risco de gravidez indesejada, em detrimento dos conteúdos que tratam, por exemplo, das diversas e múltiplas orientações afetivo-sexuais; das identidades sexuais e de gênero; do prazer; do direito à diversidade sexual, dentre outros. Dessa forma, os professores silenciam ou ocultam muito do que deveria ser discutido sobre as diversidades sexuais, o que resulta no conhecimento fragmentado dos alunos acerca da sexualidade e das diversas possibilidades de vivenciá-las em nossa sociedade.

A falta de políticas públicas direcionadas à temática educação sexual, a ausência de informações nos PCNs (1997), os currículos deficientes dos cursos de formação de professores e o preconceito que naturaliza e padroniza a sexualidade, podem ser as causas da falta de preparo do professorado no que se refere ao trato da sexualidade nas escolas. Sentimo-nos então estimulados a pesquisar sobre como a temática sexualidade é tratada pela Revista Nova Escola, visto que, esta, juntamente com a fundação que a criou, Victor Civita, tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no Brasil, por meio da formação continuada, ou seja, pretende contribuir com a educação por meio da qualificação de professores da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Talvez, o que tenha motivado a pesquisa tenha sido a esperança de que, de algum modo, a sexualidade aparecesse como objeto das reflexões dos articulistas da Revista, aplacando, assim, um pouco ou parte das dúvidas, inseguranças e incertezas que pairam no relacionamento entre professores e os (as) alunos (as) quando o assunto é a sexualidade e suas manifestações, tais como, os toques e os manuseios dos corpos, as expressões de intimidade entre as alunas e entre os alunos, como os beijos, as carícias; as demonstrações de afeto entre as crianças do mesmo sexo, entre outras tantas expressões de intimidade e de sexualidade.

Conforme observamos inicialmente, o período abrangido pela pesquisa na Revista 2009 - 2010 tem uma razão de ser, pela qual também se vincula às nossas esperanças e expectativas acerca do que podíamos encontrar na revista. Reiteramos, aqui, o que dissemos inicialmente, o período foi demarcado em função das questões trazidas para este texto, as quais dizem respeito aos PCN's (1997) e aos investimentos governamentais na educação, principalmente, na abordagem de temáticas relacionadas aos gêneros, permitindo perceber e

identificar como as mudanças sociais e culturais refletem-se em seu conteúdo. Após 13 anos da publicação dos PCNs (1997), houve mudanças na abordagem da sexualidade pela Revista Nova Escola?

3.3 A sexualidade na Revista Nova Escola

A apresentação do resultado da pesquisa exige que façamos algumas considerações acerca da metodologia desenvolvida para a investigação. Realizamos nosso estudo por meio de revisão bibliográfica e fonte empírica, ou seja, nos reportamos a autores que contribuem para a fomentação da temática sexualidade para então analisarmos a forma como é tratada nas edições *on-line* da revista Nova Escola, nos anos de 2009 e 2010. Nosso objetivo foi o de identificar como o sexo e sexualidade, contemplados nos documentos oficiais, têm sido abordados e ensinados aos professores por meio do periódico mensal “Revista Nova Escola”.

Em 20 edições publicadas no período especificado, 2009 e 2010, encontramos oito reportagens que trataram a diversidade sexual ou a sexualidade. Dessas oito reportagens, 5 dirigem-se predominantemente à sexualidade de adolescentes e jovens e 3 tratam mais especificamente da sexualidade infantil. Dessa forma, constatamos por meio das análises que, em consonância com os PCNs (1997), as publicações da Revista são dirigidas, em sua grande maioria, ao trato da sexualidade dos jovens ou adolescentes.

Os títulos localizados que abordavam assuntos relacionados ou que envolvem a sexualidade foram:

- Edição 219 de Janeiro/Fevereiro de 2009, “Diversidade sempre”, falou da importância de se valorizar diferentes raças, gêneros e pessoas com deficiências;
- Edição 222 de Março de 2009, “Será que elas são... homofóbicas? mostrou por meio de pesquisas que as escolas brasileiras são preconceituosas com os gays;
- Edição 225 de setembro de 2009, “Na escola pública maioria não tolera diferenças”, apoiada nos apontamentos do Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, realizado em 2009. Esta edição mostrou a discriminação por idade, etnia, orientação sexual e de local de origem, entre outras que foram manifestadas em 500 escolas públicas de todo o país;
- Edição 228 de dezembro de 2009, “Diferenças: respeito versus preconceito”, este artigo expôs que as escolas que recebem e educam os alunos,

independentemente de origem, orientação sexual ou deficiência, ensinam todos a viver melhor;

- Edição 229 de Janeiro/ Fevereiro de 2010 contribuiu com a matéria, “O despertar da sexualidade: como lidar com as descobertas e as dúvidas da garotada”. Nesta, a autora partiu da premissa da existência da sexualidade na infância e se propôs a ensinar como responder as dúvidas infantis sobre sexualidade;
- Edição 231 de abril de 2010 em “Formação continuada” a revista se dedicou a ensinar “Como responder às perguntas indiscretas que os alunos fazem?”. Para responder a pergunta “Como eu nasci?”, a autora explicou que na hora de encarar essas perguntas que provocam uma saia justa, a melhor saída é apresentar caminhos para cada um descobrir as próprias explicações.
- Edição 233 de Junho/ Julho de 2010, “Adolescentes com os hormônios à flor da pele”, discutiu as mudanças físicas e psíquicas que perpassam a construção da sexualidade na adolescência e aconselhou a compreensão e o diálogo durante esse processo;
- Edição 236 de outubro de 2010, na seção “Na dúvida?” trouxe à tona a temática sexualidade infantil ao responder ao questionamento enviado por uma leitora: “Como agir quando uma criança da creche ou da pré-escola se masturba muito?”.

Os títulos das matérias indicam que a sexualidade é um assunto contemplado pela Revista. No entanto, observa-se também as diferenças nos conteúdos, tanto em proporções quanto em densidade, visto que, o levantamento realizado demonstra que a sexualidade infantil é menos abordada que as sexualidades de outras faixas etárias, como a dos adolescentes, por exemplo. O levantamento inicial sugeriu que, acompanhando a tendência firmada por ocasião dos PCN's, em 1997, trouxeram a tona o assunto da educação sexual nas escolas, tendo em mira os problemas da gravidez precoce e da AIDS, dos quais constituem em guia para a produção de matérias (artigos, notícias e comentários), pela revista Nova Escola. Na análise a seguir, as percepções iniciais parecem ter sido confirmadas.

3.4 Virando as páginas e descobrindo olhares sobre e para a sexualidade

Partimos agora para a análise dos conteúdos publicados na revista, para conhecer o que ela ensina sobre sexo e sexualidade aos professores. Inicialmente, salientamos que o tema “diversidade” é bastante destacado nas páginas da revista analisada.

Na edição 219 de Janeiro/Fevereiro de 2009, na seção “sala de aula”: educação infantil, a repórter Ana Rita Martins falou sobre a importância de a diversidade ser trabalhada desde a educação infantil. A reportagem “Diversidade sempre, desde a educação infantil”, sugerida por uma leitora de Belo Horizonte- MG, explicou a importância de familiarizar as crianças desde muito cedo com as diversidades (étnicas, por deficiência física e mental ou de gênero), já que o preconceito, os rótulos e a discriminação permeiam as vivências destas. De acordo com a reportagem,

Preconceitos, rótulos, discriminação. É inevitável: desde muito cedo, os pequenos entram em contato com esses discursos negativos. Para que eles saibam lidar com a diferença com sensibilidade e equilíbrio, é preciso que tenham familiaridade com a diversidade - e não apenas em projetos com duração definida ou em datas comemorativas, como ainda é habitual em vários lugares (MARTINS, 2009, p. 01).

A sugestão é que o tema seja abordado não apenas em projetos ou em datas comemorativas e que a questão não seja trabalhada como um conteúdo específico. De acordo com a autora, “melhor que isso é abordar o tema de jeito natural, inserindo-o em práticas diárias, como brincadeiras, leitura e música” (MARTINS, 2009). A autora complementa dizendo que: "O convívio cotidiano é a forma mais eficaz de trabalhar comportamentos e atitudes" (MARTINS, 2009 apud ALONSO, 2009). Martins (2009) sugere ainda a aquisição de materiais didáticos e incentiva a capacitação dos profissionais.

Muitas manifestações da sexualidade infantil são interpretadas como indícios de homossexualidade e muitos profissionais da educação a elas reagem com preconceitos, rotulando as crianças. Como a revista Nova Escola aborda o assunto? Quais noções ela veicula? Quais ensinamentos ela transmite sobre homofobia e como combatê-la no espaço escolar?

Na edição 222 de maio de 2009, Tatiana Pinheiro, repórter *freelancer* da Editora Abril postou na seção “Reportagens: criança e adolescentes” da Revista uma matéria sobre homofobia: “Será que elas são... homofóbicas? Sim, as escolas são homofóbicas”. Esta reportagem, que afirma que as escolas são homofóbicas, mostra a ‘preocupação’ (grifo meu) das escolas diante dos comportamentos “anormais” (grifo da autora) de meninos e meninas no

que se refere à sexualidade. Para exemplificar esses “desvios de comportamentos” (grifo meu) a autora cita os meninos que desmunhecam e as meninas que brincam de beijar na boca das amigas. Pinheiro (2009) relata ainda que tanto nas escolas, quanto em outros espaços sociais, a heterossexualidade é vista como a forma normal de sexualidade e que qualquer outra forma de sexualidade é tida como desvio ou anormalidade, para tanto, faz uso do conceito heteronormatividade, que embasa na ideia de que a heterossexualidade é a sexualidade natural. De acordo com Louro,

Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o princípio de que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seu sexo – definido sem hesitação em uma destas duas categorias- vai indicar um de dois gêneros possíveis- masculino ou feminino – e conduzirá a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto ao seu (LOURO, 2009, p. 89).

A autora revela também que “esse alinhamento (entre sexo-gênero- sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual (LOURO, 2009, p. 90). Disso resultaria que a heteronormatividade seria um processo social, ou seja, foi fabricada, produzida, reiterada, em nossa sociedade.

Tomando por base uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e publicada em 2009 e um estudo divulgado em 2004 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a autora aponta que, na primeira, ao serem interrogados sobre o grupo de pessoas que menos gostam de encontrar, os homossexuais foram classificados em 4º lugar com 16%; e que o segundo, revela que quase 40% dos alunos entrevistados não gostariam de ter homossexuais como colegas e mais de 35% dos pais não gostariam de tê-los como amigos dos filhos, ou seja, os números demonstram que o preconceito esta ainda muito presente nas escolas. A reportagem se propõe a orientar seus leitores nas questões sobre a sexualidade respondendo perguntas como: “Como lidar com uma aluna ‘gay’ assumida?”, “A mãe de uma aluna é lésbica. O que faço?” e “Como deve se portar um professor gay?”.

Para a revista Nova Escola, representada por Pinheiro (2009), a informação é a arma contra o preconceito, no entanto, embora sugira o combate ao preconceito e o respeito às diversidades sua abordagem não é inovadora no sentido de contribuir para a preparação dos professores para o enfrentamento de temas e questões relacionados às diferentes manifestações de sexualidade de modo a romper com os preconceitos. Além disso, a autora

parece justificar a reação preconceituosa vinda de outros estudantes em relação à presença de um gay na sala de aula, já que afirma ser essa uma manifestação natural dos alunos à presença de um indivíduo diferente dos padrões preestabelecidos pelo grupo. Esta justificativa, por sua vez, pode naturalizar também o preconceito, já que os homossexuais constituem a minoria nas escolas, e, portanto, a maioria, os heterossexuais, teria o direito de negá-los ou discriminá-los.

Outros estudantes poderão reagir negativamente à presença de um gay na sala de aula, mas lembre-se de que eles também estão preocupados em tentar construir a própria identidade (**e pode ser perturbador observar esse confronto com alguém que não siga o caminho da maioria**) (PINHEIRO, 2009) (grifo meu).

O conselho é que o tema (homossexualidade) seja debatido com base na história de homossexuais que desempenham funções de destaque ou ainda em situações de debate sobre a estruturação familiar. Segundo Pinheiro (2009, p. 01 apud Vilela¹, 2009), "o educador pode debater com base na história de homossexuais que desempenham funções de destaque ou aproveitar um debate sobre a família para tratar de tipos de arranjo, especialmente os que vão além de pai, mãe e filhos".

Aqui, a autora parece estar disposta a ensinar que: para ser gay, em nossa sociedade, é preciso se “destacar”, seja profissionalmente, economicamente ou culturalmente (quando não em todos os aspectos). A Revista ensina sobre a desigualdade quando sugere que há diferença na forma de vivências das sexualidades, pois, conforme subentendido nesta fala, os jovens heterossexuais, por não precisarem se destacar ‘ficam’ livres para viverem suas sexualidades.

Ainda na edição (222), a autora fala sobre “uma das situações incômodas” (grifo da autora) na escola: a manifestações exagerada da homossexualidade. Parafraseando Facco² (2009), explica que, “assumir uma postura de enfrentamento é uma tática de reação muito comum do jovem, que pode se dar por meio de atitudes como afinar a voz, rebolar (se menino) ou agir de maneira bem agressiva e engrossar a fala (se menina)” (PINHEIRO, 2009 apud FACCO, 2009). Reitera dizendo que “quem chama a atenção dessa forma está defendendo seu jeito de ser, da mesma maneira que o faria um aluno esquerdista que vai à aula vestindo uma camiseta com a estampa de Che Guevara” (RAMIREZ NETO³, 2009 apud PINHEIRO, 2009).

¹ Maria Helena Vilela é diretora do Instituto Kaplan, especializado em Educação e sexualidade.

² Lúcia Facco (2009) é doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e estudiosa do assunto (homossexualidade).

³ Ramirez Neto é integrante da ONG Corsa. Associação civil sediada em São Paulo, cuja missão é defender os direitos civis e humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Neste caso, o que a autora parece sugerir que os modos de ser e de agir dos homossexuais são usados como estratégias para se “mostrarem” e dizerem que são “diferentes”. Esse modo de expressar pode levar que se pense no assunto sob o foco da relação entre sexo e gênero ou ainda, até que ponto e em que medida as afirmações são ambíguas e estimuladoras de preconceitos, na medida em que pressupõem que os homossexuais são “naturalmente afetados e provocadores”? Deixo aqui essa interrogação, visto que foi suscitada pela matéria e para a qual não tenho resposta. Pelo exposto, a mensagem das entrelinhas leva-nos a pensar que existe uma dubiedade de sentidos nos comentários da autora, sugerindo que os homossexuais usam de certas estratégias para se impor e provocar os heterossexuais.

Em diversas matérias da revista Nova Escola encontramos subsídios para reflexões e interrogações sobre o que se passa nas escolas brasileiras, principalmente às manifestações de preconceitos com relação às diversidades sexuais e de gênero. Na edição 225 de setembro 2009, na seção em DIA/Notas sobre a educação, a repórter Beatriz Vichessi publicou uma matéria sobre diversidade sexual, um dos temas caros aos estudos de gênero e educação. A reportagem, acompanhada por gráfico, mostra que na escola pública a maioria não tolera diferenças. Essas informações foram obtidas em estudo realizado em 500 escolas públicas de todo o país sobre ações discriminatórias no âmbito escolar. A pesquisa, feita no primeiro semestre de 2009 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), em convênio com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), concluiu que a diversidade não é um tema bem-vindo entre alunos, pais, professores e diretores. Os dados da pesquisa são alarmantes. Revelam que 93,5 % das pessoas entrevistadas apresentam o preconceito de gênero e que, 87,3 % o preconceito de acordo com a orientação sexual.

As questões que tratam a diversidade realmente parecem dar tom às publicações da Revista Nova Escola sobre a sexualidade. A edição 228 de Dezembro de 2009, na seção “Pense Nisso”, trouxe um artigo denominado “Diferenças: respeito versus preconceito” de autoria de Luiz Carlos de Menezes⁴. O referido artigo mostra que diversas escolas convivem harmoniosamente com as diversidades. Apoiado em experiências concretas, Menezes (2009) explica que embora a discriminação exista em toda parte, a escola pode ser um espaço de diversidade onde se aprende a conviver com as diferenças. Dentre os exemplos citados,

⁴ Luiz Carlos de Menezes é físico e educador da Universidade de São Paulo (USP).

destaca-se a inclusão de um jovem transexual que após ter sofrido discriminação em várias instituições, foi acolhido por meio de um projeto denominado “Projeto Purpurina⁵”.

De acordo com Menezes (2009) “Quando se enfrenta a discriminação [...] o desempenho de todos melhora, sem contar o ganho maior que é o de conviverem solidariamente e em paz”. O autor afirma que “Escolas que recebem e educam os alunos, independentemente de origem, orientação sexual ou deficiência, ensinam a todos a viver”. A Revista mostra, nesta reportagem, que há esperança no sentido de possibilitar uma convivência harmoniosa entre as diversidades. Nesse sentido, destaca a importância das escolas nessa luta que tem como objetivo abrandar os preconceitos e as discriminações, e o faz, quando compartilha com seus leitores experiências de convivência com as diversidades que estão dando certo em determinadas escolas brasileiras.

A edição 229 de Janeiro/Fevereiro 2010, nas reportagens sobre criança e adolescente, trouxe à tona “O despertar da sexualidade: como lidar com as descobertas e as dúvidas da garotada”. Apoiada principalmente nos escritos de Sigmund Freud⁶ (1856-1939) e contando com o apoio de Cláudia Ribeiro⁷, Gurgel (2010), a jornalista autora da matéria, defende que embora se estenda pelo resto da vida, o processo da sexualidade inicia-se na infância, isto é, parte então da premissa da existência da sexualidade infantil. Dessa forma, ao experimentar a si próprias e ao entorno, por meio do toque e das carícias, as crianças vivenciam limites e possibilidades, de acordo com Gurgel (2010) “Desde o nascimento, a criança explora o prazer, os contatos afetivos e as relações de gênero”.

Conforme essa reportagem, a descoberta do corpo como fonte de prazer costuma vir acompanhada de perguntas sobre a sexualidade. A sugestão da autora é que os adultos respondam às dúvidas das crianças, no entanto, alerta que é preciso estar atento ao conteúdo da pergunta, sem fazer extrapolações. Ela diz: "Nessa hora, o importante é responder exatamente o que a criança está perguntando, sem antecipar dúvidas" (RIBEIRO, 2010 apud GURGEL, 2010).

Na matéria, observa-se que a autora preocupa-se em mostrar como surge na criança as ideias e representações de gênero.

além de explicações sobre anatomia e concepção, os pequenos vão aos poucos construindo ideias sobre cada gênero. Por volta dos 2 anos, a criança

⁵ O Projeto Purpurina (PP) é um projeto multicultural pensado pelo GPH – Grupo de Pais de Homossexuais, de iniciativa dele e patrocinado por ele.

⁶ Sigmund Freud (1856-1939) neurologista austríaco criador da psicanálise que rompeu com a imagem de criança inocente ao mapear o desenvolvimento da sexualidade infantil classificando-os em estágios.

⁷ Cláudia Ribeiro é professora da Universidade Federal de Lavras (UFLA), em Minas Gerais.

percebe se é do sexo feminino ou masculino e, no contato com os adultos ao seu redor e pela mídia, aprende o que é ser menino ou menina em sua sociedade - e, claro, tem contato com os rótulos associados a eles. Os pequenos logo percebem que se espera que o homem seja forte e que a mulher seja frágil e delicada (GURGEL, 2010).

Em outro momento do texto, Gurgel (2010) escreveu:

A maneira como a instituição lida com as diferenças físicas e a igualdade de oportunidades são maneiras de ensinar o respeito à diversidade e de não reafirmar clichês questionáveis - como o fato de a menina ser passiva, e o menino, destemido ou mesmo autoritário (GURGEL, 2010).

Segundo Gurgel (2010), aos dois anos de idade a criança percebe o sexo e começa a incorporar as noções de gênero. A abordagem dada ao assunto pela autora é a mesma encontrada nos livros que focalizam assuntos relacionados à sexualidade infantil em suas articulações com o conceito de gênero. Nesse contexto, podemos entender o que a Revista ensina por meio de suas reportagens, como a que ora destacamos: ela procura levar os estudos de gênero até os profissionais da educação, de maneira a ajudá-los a entender como a sexualidade é generificada, ou seja, que as noções de sexualidade são sociais e culturais e que as crianças aprendem a ser meninos e meninas na escola e em outras esferas e instâncias: na família, na Igreja, pela mídia etc.

Neste ponto é importante inserir o que é gênero, conforme estudos realizados por algumas pesquisadoras. Por gênero, “entende-se a condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos”, escreveu Silvana Goellner (2011), e, continua a autora: É diferente de ‘sexo’, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O ‘gênero’ é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Disso decorreria que:

Quando dizemos a um menino que ele não deve chorar porque isso é coisa de mulher ou, ainda, quando ensinamos as meninas que elas não devem participar de brincadeiras que exijam força porque isso é para homens, estamos reforçando modos de ser masculino e feminino comumente aceitos como **normais e desejáveis** em nossa cultura (GOELLNER, 2011, grifo nosso).

A reportagem mostra que é preciso que a escola saiba lidar com as diferenças de gênero, pois a criação de estereótipos pode impossibilitar a igualdade de oportunidades e o aprendizado do respeito à diversidade. Afirmações dessa espécie levam a pensar sobre a preocupação que norteou nossa pesquisa: como fazer? Como as profissionais podem

contribuir para eliminar as desigualdades de gênero? Na matéria objeto de nossa análise, escrita por Gurgel (2010), encontramos alguns indícios. Conforme Gurgel (2010) “A maneira como a instituição lida com as diferenças físicas e a igualdade de oportunidades são maneiras de ensinar o respeito à diversidade e de não reafirmar clichês questionáveis - como o fato de a menina ser passiva, e o menino, destemido ou mesmo autoritário”. Nesse sentido, destaca a importância do papel da escola e a responsabilidade que a equipe docente em explicitar as regras da cultura, dando especial atenção à distinção do que cabe no espaço público e no privado.

O desafio para o professor é enorme: ao mesmo tempo em que deve preservar a intimidade das crianças e não culpabilizá-las por manifestações de sexualidade, ele é responsável por um processo educativo que aborde valores, diferenças individuais e grupais, de costumes e de crenças. Isso é fundamental tanto na infância como na adolescência, quando a questão ressurge a todo vapor. (GURGEL, 2010).

Quanto à equipe docente, sua responsabilidade é de explicitar as regras da cultura em que os pequenos estão inseridos. Nesse sentido, cabe aos professores distinguir o que cabe ao espaço público e ao privado. “A masturbação, por exemplo, requer um espaço privado para ser realizada, assim como urinar e defecar” (GURGEL, 2010). Em suma, o foco dessa reportagem é mostrar que as crianças têm sexo e gênero e que as manifestações de sexualidade nas crianças devem ser encaradas de forma natural: ao invés de repreendê-las é indispensável que o professor as oriente e torne-as capazes de distinguir os comportamentos que cabem ao público e ao privado.

Na Edição 231 de abril de 2010 na seção Formação Continuada, a revista se propõe a ensinar aos leitores/ professores e professoras, como a responder às perguntas indiscretas que os alunos fazem. Nela, encontramos outros indícios para o encaminhamento de temas e questões relacionados à sexualidade na educação infantil. De acordo com a repórter Beatriz Vichessi (2010), na hora de encarar perguntas que provocam uma saia justa, a melhor saída é apresentar caminhos para cada um descobrir as próprias explicações. A pergunta escolhida para exemplificar essas situações constrangedoras foi: Como eu nasci?

Novamente a Revista Nova Escola ensina que é desaconselhável fornecer mais informações do que a criança está preparada para entender. Pois, “quanto mais nova a criança, menos repertório ela tem para compreender as diferentes facetas de uma relação sexual” (VICHESI, 2010). Dessa forma, a sugestão é que o professor se informe sobre como surgiu esta dúvida, para que não corra o risco de responder outra coisa, que não esteja relacionada com sua pergunta. No caso das crianças maiores, podemos, conforme a revista, nos apoiar no

material da escola, que já nas primeiras séries do Ensino Fundamental pode trazer questões referentes à temática.

Na edição 233 de Junho de 2010 na seção reportagens: criança e adolescentes, a repórter Ana Rita Martins discutiu sobre um assunto que causou grande polêmica no ano anterior (2009), as “pulseiras coloridas” que tiveram circulação entre os adolescentes. Estas eram usadas com conotação sexual, onde cada cor representava uma atitude correspondente. A Revista, nessa reportagem, contribui na medida em que critica a atitude tomada pela maioria dos pais na referida situação: ao invés de aproveitar a oportunidade para conversar com seus filhos sobre sexo, optaram pelo caminho da interdição, proibindo o uso das tais pulseiras nas escolas. Segundo a autora, esta atitude foi condenada por muitos especialistas, pois, quando os jovens entram na puberdade, passam por conflitos comuns, já que estão em processo de construção da própria sexualidade, por essa razão, ajudá-los a percorrer esse caminho seria uma forma de dar-lhes ferramentas para ter uma vida sexual plena e responsável.

A autora explica sobre o processo de transição da infância para a adolescência, e algumas das dificuldades enfrentadas pelos jovens nesse período, a partir de então, sugere aos professores que,

Para aplacar a angústia que isso pode causar, é importante o professor, independentemente da disciplina, estar aberto ao diálogo para poder explicar as transformações provocadas pela puberdade. Esse é o melhor caminho para ajudar os adolescentes a encarar com mais naturalidade todas essas situações que fogem ao seu controle - do surgimento de pelos faciais ao crescimento de genitais e seios, passando por ereções involuntárias e outras manifestações da sexualidade nascente (MARTINS, 2010).

De acordo com a autora, nessa fase os adolescentes comumente agem sem pensar ou só refletem sobre o que fizeram depois do ocorrido. Conforme Martins (2010) apud Levisky⁸ (2010) "Há ainda o agravante de que, nessa fase, existe o resgate da fantasia da onipotência, ou seja, achar que nada vai acontecer a si. Esses fatores somados contribuem, por exemplo, **para o aumento dos casos de gravidez e o contágio por doenças sexualmente transmissíveis**" (grifo meu). A autora comenta ainda que, nessa fase da vida, é muito comum a “experimentação sexual”, em que meninos e meninas “ficam”, ora com pessoas do sexo oposto, ora com pessoas do mesmo sexo. Pois essa fase constitui-se um desafio, nela o adolescente encontra-se em sua construção e posição sexual como homem e como mulher, já

⁸ David Léo Levisky é psiquiatra da infância e adolescência.

que “a sexualidade não é constituída apenas de determinantes biológicos, mas por um complexo de marcas culturais, sociais e econômicas, já que “o adolescente aprende com o meio o que é esperado dele na relação com o outro” (MARTINS, 2010).

Nessa oportunidade, a revista propõe que a escola ensine seus adolescentes a questionar os estereótipos atribuídos ao comportamento sexual masculino e feminino, como o fato de uma menina ir a uma farmácia comprar uma camisinha, por exemplo. Para ela, "Despejar informações sobre sexo seguro é pouco para conscientizar os jovens e garantir que terão uma vida sexual saudável. Pesquisas mostram que eles sabem que têm de usar camisinha, mas não a usam. Daí a necessidade de conversar, de fazê-los pensar" (MARTINS, 2010 apud MAIA, 2010).

Para finalizar a reportagem e afirmar a sexualidade como sendo parte constituinte do ser humano, cita Paulo Freire (1921-1997),

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e existência, de gozo e boniteza, exige busca de saber de nosso corpo. Não podemos viver autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos cínica e irresponsavelmente (FREIRE apud MARTINS, 2010).

Na edição 236 de outubro de 2010, a seção “Na dúvida?” destinou-se a ensinar “Como agir quando uma criança da creche ou da pré-escola se masturba muito”. Apoiada na **consultoria de** Antonio Carlos Egipto⁹, a autora Bruna Nicolielo com reportagem de Rita Trevisan explica que quando uma criança da creche ou da pré-escola se masturba muito, o ideal é tentar resolver o problema na escola, primeiramente sem a intervenção dos pais. Para tanto, aconselha o diálogo, a fim de tentar entender o que está acontecendo, dessa forma, aconselha que não se deva repreender a criança, mas sim ouvi-la e orientá-la. No entanto, adverte que o diálogo com os pais pode tornar-se necessário para investigar os motivos dessa ação.

Mais uma vez a revista aconselha que seja explicado sobre as ações pertinentes ao espaço público e privado. Segundo Nicolieto (2010) “basta o educador chamá-la para uma conversa em particular, fora da sala, em que deve explicar que tocar as partes íntimas do corpo é algo muito pessoal e que não deve ocorrer em público”. A autora diz ainda que para a criança o ato da masturbação não envolve nenhuma malícia, por essa razão, não se deve olhar

⁹ Antonio Carlos Egipto é psicólogo e membro do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS).

para a sexualidade infantil como se olha a sexualidade do jovem ou do adulto. A masturbação na infância pode vir como resposta de um motivo externo como: uma coceira ou uma demonstração de ansiedade, como a chegada de um irmão, por exemplo.

Conforme constatado após a análise das publicações do periódico nos anos de 2009 e 2010 as questões que tratam a diversidade realmente parecem dar tom às publicações da Revista Nova Escola sobre a sexualidade.

4 Considerações finais

Conforme já mencionado, em diversas matérias da Revista Nova Escola encontramos subsídios para reflexões e interrogações sobre o que se passa nas escolas brasileiras com relação às diversidades sexuais e de gênero. A par dessa realidade que mostra que a harmonia entre as diversidades, traduzida aqui pela convivência respeitosa e aceitação do outro está longe de acontecer, e pensando na importância do combate ao preconceito e discriminações por gênero e por orientação sexual, com vistas a possibilitar a todos os alunos às condições necessárias para a aprendizagem escolar e desenvolvimento intelectual, destacamos a importância desses estudos para o pensar da educação como um meio de garantir a igualdade de oportunidades e o direito à liberdade, inclusive no que se refere à liberdade da vivência da sexualidade. Sendo o professor o responsável pelo desenvolvimento escolar dos estudantes que compõem a sua sala de aula, torna-se imprescindível conhecer como estes estão sendo “educados” para trabalhar as temáticas que envolvem a sexualidade em suas práticas diárias.

Conforme indicam os títulos das matérias analisadas, embora a sexualidade seja um assunto contemplado pela Revista Nova Escolas observam-se diferenças nos conteúdos, tanto em proporções quanto em densidade, visto que, o levantamento realizado demonstra que a sexualidade infantil é menos abordada que a sexualidade dos jovens e adolescentes e ainda que as reportagens dirigidas a este segundo grupo, demonstram grandes preocupações em conduzir o jovem e o adolescente à vivência de uma sexualidade responsável e preventiva, em nenhum momento focalizando o prazer e as emoções proporcionadas pela sexualidade.

Dessa forma, constatamos que embora os discursos sobre a diversidade estejam presentes em seus conteúdos, a Revista, ensina e orienta os professores, acompanhando a tendência firmada pelos PCN's (1997) que trouxeram a educação sexual para as escolas, tendo em vista exclusivamente minimizar os problemas da gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, principalmente da AIDS, ou seja, após 13 anos da publicação dos

PCNs (1997) essa preocupação ainda guia a produção de matérias (artigos, notícias e comentários), da revista Nova Escola.

As análises da revista Nova Escola sob o foco da sexualidade demonstraram que ela contribui quando ensina aos professores a reconhecer a criança como indivíduo dotado de uma sexualidade e em processo de construção da identidade de gênero, no entanto, não contribui para a criação de novas representações e práticas dos profissionais da educação diante das manifestações da sexualidade nas escolas brasileiras, pois seus discursos não são inovadores no sentido de “abrir a mente a novas possibilidades” desses educadores para reconhecimento das diferenças como sendo naturais.

Em suma, por não serem inovadoras, suas abordagens não contribuem para o enfrentamento de temas e questões relacionados à sexualidade de modo a romper com os preconceitos e as desigualdades de gênero. A revista ensina e leva os estudos de gênero até os profissionais da educação, de maneira a ajudá-los a entender como a sexualidade é “genericada”, ou seja, que as noções de sexualidade são sociais e culturais e que as crianças aprendem a ser meninos e meninas na escola e em outras esferas e instâncias.

5 REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Rev. Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9 n. 2, 2001.
- ANADON, S. B.; GARCIA, M. M. A. Trabalho escolar e docente nos discursos oficiais na revista “Nova Escola”. **Cadernos de Educação** - UFPel, Pelotas, v. 25, p. 133-145, 2005. Disponível em <www.ufpel.edu.br/fae/caduc/resumos_ed25_07.htm>. Acesso em: 29 maio 2011.
- ANDRADE, S. dos S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.108-123.
- BASTOS, M. H. C.; CATANI, D. B. (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª séries: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em 24 de mar. 2011.
- CARVALHO, E. J. G.; FAUSTINO, R. C. (Orgs). Educação e diversidade cultural. In: CARVALHO, E. J. G. **Educação e diversidade cultural**. Maringá: Eduem, 2010.
- CORSA. Disponível em:< <http://corsa.wikidot.com/quem-somos>>. Acesso em 16 de out. 2011.
- FILOSOFIA PURPURINA. Disponível em: <<http://www.gph.org.br/filosofiapurpurina.asp>>. Acesso em 16 de out. 2011.
- FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/quem-somos.shtml>>. Acesso em: 11 set. 2011.
- GOELLNER, S. Corpo, gênero e sexualidade: reflexões necessárias para pensar a educação escolar. In: SIMILI, I.G. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Maringá: Eduem, 2011. (no prelo).
- GURGEL, T. Criança e adolescente. O despertar da sexualidade. **Revista Nova Escola**. São Paulo. Ed. 229. Jan/Fev 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/despertar-sexualidade-infancia-freud-528841.shtml>>. Acesso em: 08 mar. 2011.
- LAVIOLA, E. C. Reações de educadoras de creche diante de manifestações de sexualidade infantil. In: **Gênero e sexualidade nas práticas escolares**. São Paulo: 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC/SP.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n.2, maio/ago.2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2011.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>>. Acesso em: 01/10/2011.

MARTINS, A. R. Diversidade sempre, desde a Educação Infantil. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 219, jan./fev. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/diversidade-sempre-427144.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2011.

MARTINS, A. R. Adolescentes com os hormônios à flor da pele. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 233, jun./jul. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/adolescentes-hormonios-flor-pele-adolescencia-sexualidade-567920.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2011.

MENEZES, L. C. A. Diferenças: respeito versus preconceito. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 228, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/diferencas-respeito-versus-preconceito-diversidade-518778.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2011.

MOTTA, D. Mídia e educação: a Revista Nova Escola e sua contribuição para divulgação de ações educativas: análise de conteúdo da seção retrato. **Artigonal**, 2010. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/midia-e-educacao-a-revista-nova-escola-e-sua-contribuicao-para-divulgacao-de-aco-es-educativas-analise-de-conteudo-da-secao-retrato-3615846.html>> Acesso em: 29 maio 2011.

NICOLIETO, B. Como agir quando uma criança da creche ou da pré-escola se masturba muito? Reportagem de TREVISAN, R. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 236, out. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/como-agir-quando-crianca-creche-ou-pre-escola-se-masturba-muito-602491.shtml>> Acesso em: 05 set. 2011.

PINHEIRO, T. Será que elas são... Como combater a homofobia. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 222, maio 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/sera-elas-sao-451878.shtml>> Acesso em: 24 set. 2011.

VICHESSI, B. Na escola pública, maioria não tolera diferenças. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 225, set. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/avulsas/225-emiadia.shtml>> Acesso em: 24 set. 2011.

VICHESSI, B. Responder o que?. Como responder às perguntas indiscretas que os alunos fazem. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n. 231, abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impressas/231.shtml>>. Acesso em 05 set. 2011.